

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

CURSO DE JORNALISMO

JULIA BARBOSA MASSA CORRÊA

SENHORAS DO TEMPO:

mulheres em uma representação plural

Produto Jornalístico

Mariana

2019

JULIA BARBOSA MASSA CORRÊA

**SENHORAS DO TEMPO:
mulheres em uma representação plural**

Memorial apresentado ao curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Lara Linhalis Guimarães.

Mariana
2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Julia Barbosa Massa Corrêa

**SENHORAS DO TEMPO:
mulheres em uma representação plural**

Membros da banca

Lara Linhalis Guimarães - Doutorado- Ufop
Hila Bernardete Silva Rodrigues - Doutorado - Ufop
Cláudio Rodrigues Coração - Doutorado - Ufop

Versão final

Aprovado em 10 de dezembro de 2019

De acordo

Lara Linhalis Guimarães



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/12/2019, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0029375** e o código CRC **DDCDDD69**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.204127/2019-10

SEI nº 0029375

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

À todas as mulheres que são, e as que um dia serão, velhas.

AGRADECIMENTOS

Por trás de todo resultado final em uma empreitada, quando esta é feita de forma verdadeira, existe grande carga de trabalho. Após dez meses de empenho e satisfação, muitas pesquisas, esforço físico carregando equipamentos e noites mal dormidas devido à ansiedade, escrevendo este memorial ou editando o produto; me mantive firme perante a certeza de que entre erros e acertos, me orgulharia do que estava sendo consolidado.

Todo este caminho só foi executável porque o universo guiou meus passos com as melhores energias possíveis e colocou ao meu lado seres de extrema importância que formam meu alicerce. Mara e Paulo, meus pais. Mesmo a 170 km de distância foram as figuras mais presentes em minha jornada acadêmica. Obrigada por serem a base e acreditarem em mim quando nem eu mesma o fiz. Meu diploma será nosso. À república Santa Casa por seu meu lar ouropretano e suas moradoras por serem também minha família durante esses quatro anos. Vocês estiveram firmes e pacientes ao meu lado, até mesmo nos momentos difíceis. Obrigada por aceitarem inclusive quando precisei estar ausente. Cuidem sempre umas das outras. Fael, por estar ao meu lado e me mostrar diariamente que é possível vencer com leveza até mesmo as batalhas mais difíceis. Obrigada, meu bem. À família Barbosa por todo auxílio e carinho e à família Massa por me desejar o bem. Às amigas de Pará de Minas, pelos momentos de descontração e apoio. Teremos sempre umas às outras.

À Universidade Federal de Ouro Preto, por me proporcionar ensino gratuito e de qualidade e todos os mestres tão competentes que tive nessa jornada. Em especial, à minha orientadora Lara Linhalis pela confiança, carinho e suporte e aos professores Cláudio Coração e Hila Rodrigues, pela atenção e sensibilidade enquanto avaliadores deste trabalho. Aos amigos do Jornalismo 16.1, vocês deixaram a estrada mais leve.

Um Obrigada Especial à Alda e Marília, com quem tive o prazer de conviver e registrar ao longo desta experiência maravilhosa e antropológica que foi ser uma cineasta de primeira viagem. Esse documentário é nosso. Por fim e com extrema importância: Norma, minha avó. A senhora é uma das principais inspirações para a realização deste trabalho. Você é uma mulher ímpar, te amo.

RESUMO

O intuito deste trabalho é, por meio do audiovisual, dar voz à mulheres que vivem a terceira idade e através delas abordar as possibilidades que essa etapa da vida apresenta. Para isso será utilizado o produto documentário como forma de captar o dia a dia de três mulheres idosas, suas vivências, opiniões e sentimentos enquanto sujeitos sociais. A feminização da velhice será abordada, uma vez que a perspectiva do envelhecimento para as mulheres possui uma angulação própria. A execução do projeto consiste na realização de entrevistas, captação de imagens das personagens e imersão na realidade documentada.

Palavras-chave: Documentário, velhice, feminização da velhice, representação.

ABSTRACT

The purpose of this work is, through audio-visual, give voice to third Age women and through them approach the possibilities that this stage of life offers. For this is going to be use the documentary product as a way of to capture three elderly women daily experiences, opinions and feelings as a social subject. The old age feminization will be broach, once the women's aging perspective has their own angulation. The project execution consists in interviews, characters pictures and reality immersion documented.

Keywords: Documentary, old age, old age feminization, representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: gráfico de projeção populacional idosa (por sexo) no Brasil12

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
2.LENTES TEÓRICAS	11
2.1 A velhice e suas representações	11
2.2 Envelhecimento. Uma questão de gênero	16
2.3 Sobre o documentário, um gênero audiovisual.....	18
3. OS CAMINHOS E A CHEGADA	21
3.1 Breve descrição de campo	22
3.2 Sobre o produto	24
3.3 Elementos do roteiro	26
3.3.1 Storyline	26
3.3.2 Sinopse	26
3.3.3 Breve descrição das personagens	26
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
5.REFERÊNCIAS	32
6.APÊNDICE	34

1. INTRODUÇÃO

O documentarista Eduardo Coutinho, afirmou em entrevista ao programa Sangue Latino, no Canal Brasil¹, que fazer documentário é trabalhar com pessoas que lidam pouco com o presente da conversa (a entrevista), raramente com os projetos de vida e imensamente com a memória. Segundo ele, quando se trata de pessoas mais velhas, isso é ainda mais recorrente. Eduardo explica que toda memória é inventada, pois ela varia em decorrência da situação em que o entrevistado está e da relação que possui com quem o entrevista. Em todo o processo de construção do documentário, enquanto essa relação se intensifica, fatos são expostos, sentimentos revelados e memórias são inseridas. Neste momento, quando se trata de sentimentos, não cabe questionar a veracidade, mas sim, dar voz a quem tem lugar de fala. Ainda de acordo com Coutinho, uma das razões do ser humano falar sobre si, não apenas das memórias, mas suas inquietações, sonhos, angústias e/ou alegrias, é que precisam compartilhar para dar sentido à vida; “Falar ao outro é se legitimar e a necessidade mais essencial do ser humano é ser legitimado e quando contam, fazem isso. A comunicação oral faz isso”². O audiovisual com a captação da imagem e do som, e mais ainda o documentário, em seu compromisso de explorar a realidade, mesmo sendo uma representação parcial desta, permite que o indivíduo ganhe espaço para se legitimar e se coloque da maneira mais verossímil possível.

A ideia deste projeto surgiu da união entre o apreço pelo audiovisual e a necessidade que tive, devido à convivência com mulheres idosas, em falar sobre suas realidades, abordar as representações dessa fase, e, mais ainda, em dar espaço para que falem e façam suas própria representação de si. As principais influências do “objeto de pesquisa”³, foram minha avó, Norma, e as senhoras que convivi durante quase um ano no clube da melhor idade Renascer, em Ouro Preto, MG. Estar imersa nessa realidade me permitiu ter contato próximo com idosos e principalmente com essas mulheres e me fez perceber como essa etapa da vida, que é vista de maneira tão fechada, tem, na realidade, um jeito próprio de ser vivenciada por cada pessoa que passa por ela. Cabe então discutir a forma como a representação da velhice, e mais ainda da feminização da velhice, está sendo feita e como isso é refletido socialmente, uma vez que estamos em contato constante com os meios de

¹ Programa exibido em 8 de agosto de 2012. Disponível em <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5615046/>

² Fala de Eduardo Coutinho em entrevista ao programa Sangue Latino, no Canal Brasil.

³ Utilizo aqui o termo objeto apenas para dialogar com o universo léxico da pesquisa científica, assumindo que o sentido que este termo adquire, neste universo, em nada se parece com a vivacidade do que pretendo explorar: a velhice feminina.

comunicação e eles nos apresentam e induzem a pensamentos e comportamentos. Assim, surge a importância em abordar dentro da velhice a questão de gênero e suas representações, “em consonância com o estereótipo dominante da cultura brasileira, parece determinar que a mulher, ao entrar na velhice, deixa de ser mulher para ser velha.” (MOTTA, 1998). É o que Douglas Kellner bem coloca quando diz que a cultura da mídia provê recursos para formação de identidade. Permitir que essas mulheres falem sobre si e se legitimem é uma maneira de dar voz a elas e a outras mulheres, uma vez que esse grupo é ainda mais afetado pelos estigmas do envelhecimento, principalmente quando se diz respeito à “perda da juventude”. A boa notícia é que essa unilateralidade que implica a singularidade da representação, pode ser e vem sendo quebrada a partir do momento em que essa visão é ampliada e outras teorias são construídas e apresentadas.

A partir dessas questões, esse projeto busca, por meio do audiovisual, trazer múltiplos olhares a respeito da velhice e da feminização da velhice, construindo várias percepções e sentidos a respeito do que é viver a terceira idade.

A própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. Assim, a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade (KELLNER, 2004, p. 11).

O processo de construção do produto envolveu, antes de tudo, muita pesquisa. Falar de um meio que não é o seu próprio exige cuidado. A primeira etapa dessa pesquisa se constituiu na leitura de textos diversos sobre a velhice e a terceira idade feminina, com o intuito de extrair o máximo sobre esse universo e suas representações. As pesquisas se deram por meio de artigos e livros de autores como Simone de Beauvoir, Lipovetsky, Ada Bezerra, entre muitos outros. Como o produto escolhido foi o documentário, comecei posteriormente a busca por produtos audiovisuais que fossem feitos por idosos e idosas e/ou falassem sobre essa fase da vida. Assisti a filmes, séries e documentários sem me preocupar com a abordagem feita em cada um, pois o intuito era justamente me deparar com as possibilidades e gerar questionamentos. Dentre eles estão *Elsa e Fred* (2014), *E se Vivêssemos Todos Juntos?* (2012), *Estamos Todos bem* (1990), *O Exótico hotel Marigold* (2012), *Gracie and Frank* (2015), a nova versão de *O Pequeno Príncipe* (2015), *Up - altas aventuras* (2009), *Alive Inside* (2014). Assim, comecei a pensar o enfoque do

produto e simultaneamente, seguindo o contato com as senhoras do Clube Renascer, escolher quais seriam as personagens do documentário. A pesquisa foi fundamental para entender sobre o universo que seria abordado e serviu de guia para a construção do produto.

Acumulada uma certa bagagem de conhecimento sobre o tema, surgiram as preocupações estéticas, e veio o questionamento: como representar essa realidade? A partir daí, o rumo da pesquisa foi outro, o enfoque passou a ser sobre a produção em si. Li também artigos e livros sobre modos de produção de documentários, confecção de roteiro, sobre etnografia como atitude e método, entrevistas como técnica, e afins, em muito a partir de autores como Bill Nichols, Barry Hampe, Sérgio Puccini, Giselle Lage e Vanessa Amaro. Além disso, imergi em documentaristas que me interessam em muito pela estética e modo de produção, como Eduardo Coutinho, com *Edifício Master* (2002), *Peões* (2004) e *Cabra Marcado Para Morrer* (1984), e Petra Costa, com *Democracia em Vertigem* (2019), *Elena* (2012) e ainda *Olhos de Ressaca* (2009), que, além da estética, me agrada por abordar também sobre a velhice. Assim, em pesquisa constante, as gravações foram realizadas e a angulação definida a partir de uma junção de referências. O produto é formada por uma série de entrevistas e cenas do cotidiano que buscam apresentar da melhor maneira possível o que as mulheres em questão tem a mostrar sobre suas vidas.

A velhice foi, durante muito tempo, representada pela mídia e produções cinematográficas como uma fase da vida majoritariamente inativa e de certo declínio social. Pouco se pensava sobre esse grupo de indivíduos enquanto atuantes na sociedade, até que a realidade populacional começou a mudar. No Brasil, essa alteração começou a ser percebida em 1940, quando as políticas públicas de saúde aumentaram a longevidade da população e nossa pirâmide demográfica sofreu alterações. Percebeu-se então, que os idosos e idosas existem e são parte crescente da sociedade. Assim, é fundamental reconhecê-los(as), falar sobre eles(as) e principalmente oferecer espaço para que esses sujeitos digam por si mesmos a respeito de suas vidas, do modo como vivenciam a velhice, de como a encaram dia após dia. É importante ver além dos estigmas de representação social que colocam a terceira idade dentro de uma caixa e tira dela as inúmeras possibilidades intrínsecas a mais uma etapa da vida. Ainda dentro da terceira idade, é indispensável trazer à tona a feminização da velhice, uma vez que as mulheres idosas são maioria e estão inseridas em uma sociedade patriarcal que faz delas duplamente lutadoras, por serem mulheres e por serem velhas. Encarando assim, estigmas,

imposições, cobranças e julgamentos. O documentário, por meio do audiovisual, apresentará o dia a dia e forma de ver a vida de três mulheres idosas. O objetivo é dar-lhes visibilidade e, assim, incentivar a representatividade desse grupo social. Dessa forma, serão apresentadas algumas das possibilidades que a velhice possui, podendo sim, ser a idosa avó, um indivíduo que é ativo e socialmente integrado, segura ou não com as mudanças atribuídas ao corpo com o decorrer do tempo, ou qualquer que sejam suas características e estilos de vida que podem sofrer alterações ou ser mantidos em decorrência da idade. A escolha do audiovisual se deu pela possibilidade que esse tipo de linguagem traz de apresentar essas mulheres de maneira mais pessoal possível, de modo que o público possa partilhar certa intimidade ao vê-las e ouvi-las em uma narrativa que apresenta parte da história e traz uma carga da personalidade de cada uma das três personagens.

“[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa (...) para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.” (RAMOS, 2008, p. 22.)

Quando vemos e ouvimos o que o outro tem a dizer, é provável que possamos absorver de maneira mais intensa a mensagem que está sendo transmitida e até nos questionar ou reconhecer naquilo. Isso é colocado por Verena Albert (2004) como *Hermenêutica*, que significa “reencontrar o eu em tu”. É válido ressaltar também a importância da entrevista enquanto valor documental, pois ela é um registro valioso sobre algo ou alguém. No documentário, mesmo nos produtos em que as informações são transmitidas de maneira simples, supostamente com um fácil entendimento, há sempre mais de uma possibilidade de interpretação e até imaginação no que diz respeito ao objeto, neste caso, às personagens e seu universo.

2. LENTES TEÓRICAS

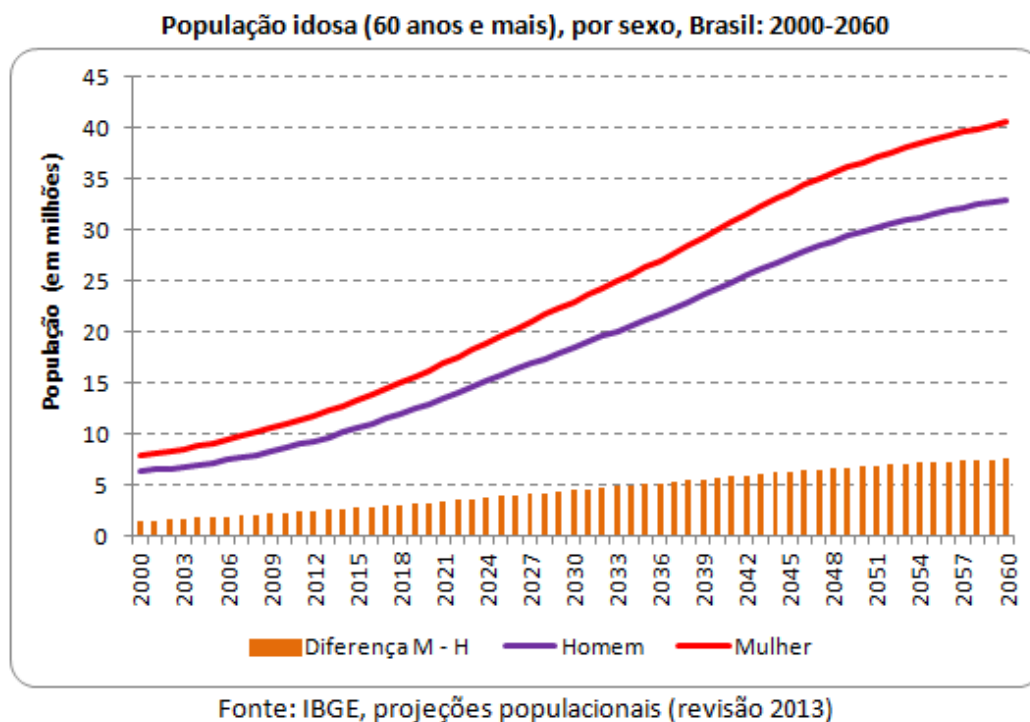
O documentário *senhoras do Tempo* tem sua apresentação final desenvolvida sob uma base de muitas inquietações, pesquisas sobre a temática e modos de produção e muito trabalho. Assim, é fundamental abordar questões sobre esse caminho. A seguir serão apresentados dados sobre os idosos, bem como indicar algumas representações cinematográficas que abordam o tema. Além disso, será abordada a questão de gênero na velhice, falando especificamente sobre a mulher na terceira idade. Por fim, alguns tópicos serão apresentados sobre o documentário enquanto um gênero do audiovisual.

2.1 SOBRE A VELHICE E SUAS REPRESENTAÇÕES.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. Contudo, em se tratando de políticas públicas, esse limiar pode ser alterado segundo as condições de cada país. A própria OMS entende que, independentemente deste limite mínimo estabelecido, é fundamental levar em conta que a idade cronológica não é o que define de maneira precisa as alterações que acompanham o envelhecimento, pois este vai além de questões biológicas e sofre variações relativas ao contexto social, cultural, condições de saúde, econômicas, entre outras. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), em seu relatório técnico “Previsões sobre a população mundial”, realizado no ano de 2007, em 2050 o número de idosos chegará a um quarto da população mundial projetada, isto é, aproximadamente 2 bilhões de pessoas, levando em conta que a população mundial prevista é de 9,2 bilhões. Segundo dados da Agência IBGE⁴ de Notícias em 1940, com o aumento das políticas de saúde pública, o Brasil deu início à primeira etapa de transição demográfica, simbolizada pelo início da queda das taxas de mortalidade. Somadas as campanhas de vacinação, os cuidados com o pré-natal, o incentivo ao aleitamento materno, os programas de nutrição infantil, entre outras medidas, o resultado foi um aumento de 30 anos na expectativa de vida até 2016. Assim, ainda de acordo com o IBGE, em 2017 o Brasil tinha 28 milhões de idosos, o equivalente a 13,5% do total da população. A projeção é de que o país chegue em 2042 com 232,5 milhões de habitantes, destes, 57 milhões serão idosos, o que significa 24,5% da população. Uma das particularidades que acompanha esse processo de envelhecimento é o crescimento do superávit de mulheres na população idosa. Em 1950, o número de homens idosos era de 1,18 milhão enquanto o de mulheres era de 1,45 milhão (273 mil

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

mulheres a mais). A ONU estima que em 2040 teremos 23,99 milhões de homens e 30,19 milhões de mulheres, o que significa uma diferença de 6,2 milhões de mulheres em relação à população idosa masculina. Serão 79 homens para cada 100 mulheres.



Com o aumento da expectativa de vida e conseqüentemente do número de idosos na sociedade, esse grupo da população passou a ganhar mais lugar e atenção em diversos aspectos. Em primeiro de outubro de 2003, a Lei Federal nº 10741 - o Estatuto do idoso - passou a estabelecer os direitos dos idosos e prever punições a quem os violar. É de extrema importância ressaltar que a lei foi resultado da mobilização e organização dos aposentados, pensionistas e idosos vinculados à Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas (COBAP). Logo, tem-se evidente que o próprio idoso possui consciência de seus direitos e luta para que esses sejam mantidos. Querem viver com dignidade, como dispõe o artigo 2º do estatuto:

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (NEVES, JR, 2017, p.1117)

Assim, é válido ressaltar a importância desse conjunto de direitos específicos em função de certa fragilidade imposta pelas condições de envelhecimento, mas principalmente frisar a consciência e força dos idosos que reconhecem a relevância de ter seus direitos assegurados e buscam isso diariamente. Entramos então em outro ponto: a maneira como a representação desse grupo crescente da sociedade vem sendo feita e modificada e como relações vêm sendo construídas. Não é de hoje que essa realidade chamada “velhice” é abordada. Na Grécia antiga, o médico Hipócrates comparava as etapas da vida humana às quatro estações da natureza, e colocava a terceira idade como o inverno: escuro e frio. Galeno, também médico grego, falou no início do século II que a velhice era a fase intermediária entre a saúde e a doença. O psicanalista francês Bogomoletz chegou a fabricar um soro rejuvenescedor à base de hormônios e falhou. Assim, por muito tempo, algo tão natural como envelhecer vem sendo abordado dentro de uma mística construída por estereótipos que são apresentados de diversas formas. É o que Simone de Beauvoir, coloca em seu livro “A Velhice” escrito em 1970:

Das mitologias, da literatura, e da iconografia destaca-se uma certa imagem da velhice, variável de acordo com os tempos e os lugares. Mas que relação essa imagem sustenta com a realidade? É difícil determinar. A imagem da velhice é incerta, confusa, contraditória. Importa observar que, através dos diversos testemunhos, a palavra “velhice” tem sentidos diferentes. É uma certa categoria social, mais ou menos valorizada segundo circunstâncias. E, para cada indivíduo, um sentido singular - o seu próprio. (BEAUVOIR, 1970, p. 93)

Cabe ainda hoje (e mais ainda hoje) refletir sobre como essa influência ocorre, atualmente, de maneira mútua, entre a sociedade, o idoso e os meios de comunicação. Isto é, a forma como somos representados influencia em como nos comportamos e em como somos vistos socialmente e o inverso também acontece. Atualmente as individualidades estão ganhando mais valor, cada ser humano tem assumido de forma mais clara o seu jeito de ser e pensar e isso causa tensionamentos em relação as formas de exclusão ou de dominação social. Entra aqui a subjetividade do indivíduo como uma maneira de resistência, afinal cada um com sua forma de ser ou assumindo nessa forma várias possibilidades de viver, encara sua pluralidade e confronta uma representação moldada de si, em uma linha tênue entre “resistência e aceitação, recusa e capitulação (...) que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há posições estratégicas a serem conquistadas

ou perdas” (HALL, 2003, p.255). Dessa forma, indivíduo e comunicação tem uma relação de reciprocidade, o que gera novas formas de construção de identidades.

Muitas das representações da velhice no meio audiovisual, reforçam estereótipos de uma fase sedentária, dependente, solitária, etc. Segundo Hall (1997) a representação é uma parte importante do processo de produzir significado e assim, possibilitar o intercâmbio entre membros de uma cultura ou culturas distintas. Dessa forma, é de extrema importância ser cauteloso com as representações de grupos ou indivíduos. Ada Bezerra (2006) aponta que grande parte da imagem que a sociedade tem da velhice é uma construção do marketing social. Na década de 30, nos Estados Unidos, o idoso era retratado ligado a doenças, propagandas de remédios, etc. Na década de 50, ligado à família, como personagem secundário, sendo avó ou avô. Com o passar do tempo, a mídia passou a ver a necessidade de ter o idoso também como público consumidor, e nessa via de mão dupla entre a mudança de comportamento por parte dos idosos e a necessidade do mercado em ter mais um público alvo, a partir da década de 90, nota-se o início de uma representação do idoso sendo também um ser ativo. Atualmente, percebe-se que essa “linha do tempo” chamada idade não é o único critério para estabelecer a velhice. Mesmo atingindo os 60 anos, muitos indivíduos se consideram jovens em pensamentos e atitudes, enquanto outros com idade inferior entendem não fazer mais parte da juventude, pois não são mais ativos em muitos aspectos. É o que Bezerra coloca como a descronologização da vida (2006). Com isso, essas representações vêm sendo ampliadas em filmes e séries que trazem outras perspectivas a respeito da velhice. O filme “O Exótico Hotel Marigold”, lançado em 24 de Fevereiro de 2012 com direção de John Madden, é estrelado pelos atores Judi Dench, Bill Nighy, Penelope Wilton, Maggie Smith, Tom Wilkinson Ronald Pickup e Celia Imrie, que interpretam sete idosos que decidem sair da sua zona de conforto e morar durante um período em um hotel na Índia. Cada um com sua personalidade assume de modo diferente a terceira idade. Em “Elsa e Fred”, lançado em quatro de novembro de 2014, com direção de Michael Radford, o mesmo filme apresenta concepções distintas do idoso. Fred, personagem interpretado por Christopher Plummer, é um senhor solitário e rabugento, que cultiva os mesmos e poucos hábitos desde o falecimento da esposa e não quer contato nem mesmo com a família. Elsa, interpretada por Shirley MacLaine, é uma senhora com autoestima elevada, vaidosa, divertida, independente e que gosta de aproveitar a vida. Ambas as representações são possíveis maneiras de vivenciar a terceira idade, mas entre elas, existem várias outras formas de se conceber as faces da vetustez. Lançado em 12 de outubro de 2012 o filme “E se

Vivêssemos Todos Juntos”, traz na mesma produção facetas diferentes da velhice. Um grupo de amigos passa a questionar os propósitos da vida e como passarão pela terceira idade, quando um deles, Claude, interpretado por Claude Rich, enfrenta limitações físicas, é levado pelo filho para viver em uma casa de repouso e passa a maior parte dos seus dias na cama. Nesse momento, os cinco amigos decidem morar juntos para transformar a velhice em mais que uma espera pelo inevitável. O filme aborda questões como a doença de Alzheimer e a forma como cada indivíduo lida com as perdas e ganhos causados por mais uma etapa da vida, como a mulher idosa lida com as mudanças do corpo e a sexualidade. Na série *Gracie and Frank*, que teve seu primeiro episódio lançado em oito de maio de 2015, dirigida por Tate Taylor e Scott Winent, as atrizes Lily Tomlin (Frank) e Jane Fonda (Grace) vivem duas senhoras que têm suas perspectivas de como viver a terceira idade alteradas quando seus respectivos maridos revelam que estão apaixonados um pelo outro, e planejam se casar. A partir daí surgem, de maneira cômica e sensível, indagações sobre o que valorizaram na vida até o dado momento, como viver o amor, conseguir novas oportunidades de trabalho enquanto mulheres em idade avançada, entre outras questões que a série coloca ao mostrar o dia a dia e convivência entre as personagens. Por fim, o documentário brasileiro *Envelhescência*, lançado em 2015 com direção de Gabriel Martinez, que trata de seis idosos entre mulheres e homens e a forma como renovam os prazeres da vida, cada um à sua maneira. O documentário traz também questões de gênero, mostrando como algumas mulheres se libertam em situações propiciadas pela chegada da idade.

Esses e outros diversos produtos audiovisuais trazem tensões que nos fazem refletir sobre como a generalização é prejudicial, afinal, as vivências são encaradas à sua maneira por cada ser humano, “Cada pessoa envelhece à sua maneira, podendo tanto levar uma vida ativa e sadia quanto ter dificuldades em encontrar prazer de viver ou tornar-se extremamente dependente dos outros”. (FREITAS, QUEIROZ, SOUZA, 2007, p 412). Além disso, fica claro que as questões a serem abordadas sobre a terceira idade, vão além de aspectos ligados à saúde e bem estar (que obviamente são de importância e necessidade indiscutível e fundamental). É importante ultrapassar essas fronteiras e tratar também de questões sociais, culturais, de gênero e relacionadas aos sentimentos; as quais permeiam a vida de todo ser humano, enquanto sujeito que interage e atua dentro da sociedade.

2.2 ENVELHECIMENTO, UMA QUESTÃO DE GÊNERO.

O que significa envelhecer para a mulher? Viver em uma sociedade, infelizmente machista e patriarcal traz para a mulher uma necessidade de ser ainda mais forte e encarar lutas diárias em todas as vertentes sociais possíveis. Caberiam aqui inúmeras questões de extrema importância de serem tratadas, mas a atenção será voltada para a mulher idosa e os dilemas que lhes são colocados pela sociedade e as representações feitas a respeito desse grupo. A Feminização da Velhice, já é um termo encontrado em muitos estudos da gerontologia, para tratar especialmente de mulheres idosas, uma vez que, como explicado anteriormente, a maior parte dos idosos no Brasil e no mundo é constituída por elas. Além disso, boa parte dessas mulheres tem assumido lugares que há algum tempo eram apenas masculinos, pois no decorrer da vida entraram no mercado de trabalho, foram mães solteiras e/ou chefes de família. Ou até mesmo mulheres casadas, que vivem a velhice ao lado do marido, que compartilharam a criação dos filhos; ou ainda as mulheres viúvas e sem filhos. Independente da realidade atual e da história de vida, envelhecer para a mulher tem suas particularidades.

As mulheres idosas são comumente mais afetadas pelos estigmas do envelhecimento no que se diz respeito à “perda da juventude”, podendo inclusive, cair na tentativa de se moldar, mesmo que de maneira indireta, para corrigir características que por terceiros são apontadas como incoerentes “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004, P.4). Desde cedo nos são ensinadas, enquanto futuras mulheres adultas, técnicas de beleza a fim de disfarçar o envelhecimento, que tendem a ser cultivadas com o passar dos anos. Criou-se um arsenal médico e farmacêutico que em conjunto com dietas muitas vezes inapropriadas e práticas físicas, incentivam a busca por um corpo “perfeito” guiado pelo o pressuposto de que magreza e juventude são a fórmula da beleza. Não à toa, é comum haver diferença de adjetivos para homens e mulheres velhas. Enquanto o homem grisalho e com a testa franzida é considerado charmoso e maduro, da mulher espera-se os cabelos pintados, pois “no feminino a sedução se apoia essencialmente na aparência e nas estratégias de valorização estética” (LIPOVETSKY, 2000, p.63). Todas essas visões são colocadas, apontadas e difundidas socialmente por aqueles que detém o poder da representação, o que contribui para definir o lugar social da mulher. “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica

da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero.” (WOODWARD 2000, p. 17)

Ao mesmo tempo em que esse elo entre mídia e sociedade indica regras de aparência e conduta feminina, percebe-se também que muitas mulheres atuam desconstruindo modos hegemônicos de representação de si, cultivando novas formas de pensar e agir. Os cabelos brancos, por exemplo, estão sendo assumidos com frequência e são para muitas mulheres, sinônimo de empoderamento. No filme “O Diabo Veste Prada”, lançado em setembro de 2006, a personagem, Miranda Priestly interpretada pela atriz Meryl Streep, usa os cabelos completamente brancos. Meryl⁵ adotou a mudança e hoje, aos 69 anos, mantém os cabelos naturais. Felizmente, está cada vez mais frequente o número de atrizes mulheres e idosas que assumiram os cabelos brancos e levam essa característica para seus personagens e representações. Entre elas estão Vera Holtz, de 65 anos, Cássia Kis, aos 61, e Fernanda Montenegro, aos 89. Essas e tantas outras mulheres idosas, cada uma a sua maneira, atua em uma sociedade machista, repleta de imposições e colocações pejorativas a seu respeito e em poucos detalhes ou grandes gestos, constroem a melhor versão que escolheram: a de si própria.

(...) para sair da “crise de identificação”, é preciso aderir francamente a uma nova imagem de si mesmo (...). Mas geralmente somos apanhados desprevenidos e, para reencontrar uma visão de nós mesmos, somos obrigados a passar pelo outro: como esse outro me vê? Pergunto-o ao meu espelho. A resposta é incerta: as pessoas nos veem, cada um à sua maneira, e nossa própria percepção certamente não coincide com nenhuma das outras. (BEAUVOIR, 1990, p. 363)

Por outro lado, envelhecer pode assumir também o significado de se desvincular de amarras feitas durante a vida. Em artigo publicado na 2ª edição da revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), em 2013, pesquisadoras que acompanharam idosas com faixa etária de 62 a 80 anos disseram que a maioria percebe benefícios em vivenciar a terceira idade, pois conseguiram manter na velhice a autonomia e o contato com a família. Muitas relataram também, que com o passar dos anos ganharam mais tempo para cuidar de si. Uma das idosas entrevistadas que não quis se identificar, relatou “Eu vou para onde eu quero, faço o que eu quero, o dinheiro é meu. Tudo o que eu faço agora é para mim”. (JESUS, MERIGHI, OLIVEIRA, SOUTO, THAMADA, 2013, p.408)

⁵ Meryl aborda o tema em suas redes sociais e já falou sobre isso em entrevistas.

É extremamente válido ressaltar que o desgaste relacionado ao envelhecer das mulheres na sociedade ocidental é claramente influenciado pelas condições nas quais essas mulheres estão inseridas, considerando situação financeira, raça, viuvez, opção sexual, separação, entre outras. Mas cada uma a sua maneira e condição, em maior ou menor intensidade, de acordo, inclusive, com condições psicológicas, sofre as consequências sociais de ser mulher e ser velha. “As mulheres na velhice experimentaríamos uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação: como mulher e como idosa” (DEBERT, 1999, p.140). Assim, trazer a tona essa temática é uma maneira de possibilitar discussões a respeito da forma como o idoso e a idosa vivem e sentem enquanto sujeitos sociais. Falar da velhice por meio de idosos e idosas é ainda mais pertinente, uma vez que quem vivência tem ainda mais propriedade para abordar o assunto. Optei pelo gênero documentário, visando, por meio desse contato ampliado dos sentidos que promove a junção da imagem e do som, gerar mais proximidade entre o público, o tema e as três personagens presentes no produto.

2.3 SOBRE O DOCUMENTÁRIO, UM GÊNERO AUDIOVISUAL.

Entre as definições mais básicas sobre documentário encontradas no Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, estão “relativo a documentos” e “Filme, em geral de curta metragem, que registra, interpreta ou comenta um fato, um ambiente ou determinada situação” (FERREIRA, p. 696, 2004). Essas definições são de fato possíveis, mas a construção do produto audiovisual traz significados que vão além. Essa “vertente” do audiovisual, chamada documentário, foi pela primeira vez teorizada pelo cineasta russo, Dziga Vertov (1896-1954), que trouxe o conceito de “Cinema Verdade”, que se dedica em registrar o real, o que está acontecendo no momento, sem um fim ilustrativo ou didático. No filme “Um Homem com uma Câmera” (1929), Vertov documenta o dia a dia dos moradores de uma cidade na Rússia, através do olho de uma câmera. Seus atores são as máquinas e as pessoas da cidade, registradas em várias situações, com a câmera que segue todos os seus movimentos. O que para alguns por muito tempo não passou de um registro, possuía significado diferente para Vertov e também para muitos cineastas que hoje o consideram o precursor do filme não ficcional, que hoje move grande parte da indústria cinematográfica. Por muito tempo o documentário foi então baseado no registro de momentos cotidianos e centrado na utilização de entrevistas. No final do século XX, esse universo se abriu para estéticas mais vanguardistas e trouxe a preocupação para a

ética centrada em narrativas reflexivas. Antes mesmo disso, Bill Nichols (2004) já trazia os “modos” de documentário. Em seu livro “Introdução ao Documentário” (2005) ele apresenta seis modos: o poético, que seria uma maneira mais fragmentada e subjetiva de representar a realidade; o expositivo, que dirige-se diretamente ao espectador propondo uma certa perspectiva sobre a realidade; o observativo, onde o cineasta se coloca como observador passivo enquanto os sujeitos sociais interagem uns com os outros; o participativo, onde cineasta e personagem interagem e a relação do filme nasce desse encontro; o reflexivo, onde a tensão e a reflexão se dão por meio do contato do cineasta com o espectador; e, por fim, o performático, que se aproxima do cinema experimental ao questionar nosso pensamento através de combinação livre do real e do imaginado. Dessa forma, no geral combinados em um mesmo filme, o cineasta escolhe os modos que constroem seu produto de maneira mais pertinente possível, isto é, uma “combinação” que gere sentido, promova tensões, reflexões, sentimentos ou qualquer que seja o objetivo.

Assim, para construir um documentário é necessário mais que uma câmera na mão. É o que bem explica o cineasta Sérgio Puccini (2009), em seu livro “Introdução ao Roteiro de Documentário”. Puccini diz que é um mito dizer que o documentário “exige apenas o gesto de ligar a câmera e alguma sensibilidade do cineasta para com aquilo que já existe” (PUCCINI, 2009, p. 175). São necessárias escolhas, por mais que subjetivas, que geram os recortes do produto, criando a concepção da ideia e a edição final do filme. É com essa construção que se dá a apropriação do real por meio de um discurso. Tudo isso é fundamental para unir a colcha de retalhos e transformar as informações, registros e relatos, independentemente do modo, em um produto final, fazendo com que início, meio e fim se conectem, gerando sentidos. Barry Hampe (2007) explica que o início do documentário deve conter tudo que o público precisa saber para que a história flua: a apresentação dos personagens, a questão a ser “resolvida” no enredo, as informações que forem realmente fundamentais. É evidente que o conteúdo não deve ser todo apontado nesse momento, e é para isso que serve o “desenvolvimento” do documentário, afinal, as informações surgem à medida que são necessárias e relevantes. O meio é onde ocorrem as tensões. É este o momento então para apresentar contradições e evidenciar comportamentos. É aqui que os fatos são pontuados e se desenvolvem para chegar ao seu desfecho. O final amarra os pontos soltos: nele os conflitos tratados no meio são, no geral, resolvidos; embora muitas obras audiovisuais apostem em um final mais aberto, inclusive perpetuando tensões postas ao longo do filme. De todo jeito, independente da forma como

a realidade é retratada e apresentada ao espectador, do “modo” como os retalhos constroem a colcha, as tensões são apresentadas e o produto é construído, o importante é que a história seja contada com competência, isto é, gerando questionamentos e trazendo emoção ao público. Desse forma, abordar a velhice através de mulheres e por meio do audiovisual, potencialmente irá contribuir para que reflexões sejam feitas e opiniões construídas a respeito desse tema que, em tempo recente, está ganhando espaço nas mídias e no audiovisual.

3 OS CAMINHOS E A CHEGADA

Expor o real demanda certa sensibilidade. Tratar de pessoas reais, é ainda mais delicado. É fundamental entender sobre a realidade do objeto antes de falar sobre ele e escolher a melhor maneira para representá-lo. Para isso, recorri aos preceitos da antropologia moderna, uma ciência que estuda o ser humano e a humanidade abrangendo suas dimensões, pois não é ideal presumir a maneira de ser, pensar e sentir de alguém ou um grupo sem ao menos se aproximar e tentar compreender ao máximo a realidade do mesmo “Como é possível que os antropólogos cheguem a conhecer a maneira como um nativo pensa, sente e percebe o mundo?” (GEERTZ, 2001, p.86). Como instrumento de pesquisa desta ciência está a Etnografia, que tem como pressuposto o contato mais profundo e intersubjetivo entre o antropólogo e o meio estudado. Ela se desenvolve em campo, ou seja, o indivíduo se insere em seu meio de pesquisa para observar, relatar e interpretar seu objeto de pesquisa, podendo focar em características ou práticas fortes no grupo como rumo para a investigação e descrição. Quando o jornalista encontra seus(as) personagens deve entender que é preciso também ser um pesquisador. Na verdade, para encontrá-los pode ser realizado e um leque de estudos e possibilidades. Ele deve escolher a melhor maneira de se inserir na realidade do seu objeto para entender sobre ele e representá-lo. O jornalista pode ser nesse caso o seu próprio e principal instrumento de pesquisa, estando dentro do grupo pesquisado, enquanto participa ou observa essa rotina “A metodologia da observação participante concentra-se nos significados da existência humana enxergada do ponto de vista dos insiders. O mundo do cotidiano enxergado através do ponto de vista dos insiders é a realidade fundamental a ser descrita pelo observador participante” (JORGENSEN, 1989,p. 14). Para que isso ocorra, alguns podem se colocar como jornalistas de fato e deixam claro o objetivo de seu trabalho, outros optam por não serem percebidos no meio e até mesmo usam de disfarce, é o que Bufford Junkker (1960) denomina observação participante total, que ele justifica afirmando que, mesmo de maneira mínima ou inconsciente o indivíduo muda seu comportamento quando sabe que está sendo observado. Assim, estar em meio aos observados é uma técnica utilizada por observadores para se aproximarem ao máximo da realidade pesquisada. De toda maneira, o objetivo é conseguir uma opinião que difere da sua habitual e que seja ainda mais aprofundada.

Quando optei por fazer um produto audiovisual sobre mulheres idosas, logo comecei minha pesquisa inicialmente buscando dados oficiais e fontes especialistas sobre o tema, para agregar conhecimentos sobre o que iria narrar através de imagens. Encontrei

então o clube Renascer, uma opção viável para me aproximar do universo abordado e encontrar personagens. A partir daí comecei visitas com entrevistas informais e pesquisas de campo que se tornaram rapidamente uma observação participante com muita interação, gerando uma série de diários de campo⁶. As personagens estiveram sempre cientes do objetivo do meu contato, mas falei diretamente sobre ele apenas algumas vezes, e isso foi intencional, a fim de viabilizar nossa aproximação e construir nossa relação da maneira mais natural e verdadeira possível. Tentei fazer de cada entrevistada, narradora de sua própria história.

Podemos dizer: a arte da aproximação – o modo de tentar colher não apenas os fatos que a memória guardou mas o de tentar captar o humano que se aloja em cada depoimento, em cada fala construtora do passado (...) algo que exige dele – o repórter – que se saiba distanciar para não perder a objetividade, mas que se saiba aproximar fazendo-se zoom para melhor capturar não só a fala, como ainda os climas, as atmosferas, as sutilezas que só alguém muito envolvido com seu objeto seria capaz de perceber. (RICCIARDI, 2008, p.24)

Chegado o momento de gravar, considerei as entrevistas um método de fundamental importância. De acordo com Colognese e Melo, “A entrevista pode ser definida como um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado” (COLOGNESE, MELO, 1998, p. 143). Optei por entrevistas individuais, orais e semiestruturadas, pois segui um roteiro para efetuar as perguntas, porém, dando liberdade para que as personagens discorressem dentro do tema, de maneira livre. Parte desse processo está registrado nos diários de campo da minha pesquisa, redigidos desde os primeiros contatos com as personagens.

3.1 BREVE DESCRIÇÃO DE CAMPO

A ideia de realizar um documentário sobre idosos surgiu de maneira gradativa devido ao intenso contato que passei a ter com idosos e idosas do Lar São Vicente de Paula, em Ouro Preto-MG, no ano de 2018. Frequentei o lar semanalmente durante um ano e um mês, por meio do projeto de extensão “Saúde e Espiritualidade”, que faz parte do curso de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto. Lá, realizávamos atividades lúdicas com os internos, como pintura, jogos teatrais, dinâmicas, entre outros, e auxiliávamos em atividades básicas do dia a dia, como dar café aos que possuíam limitações motoras, empurrar cadeiras de roda, organizar o espaço, etc. À medida em que conhecíamos o local e principalmente os moradores, os laços se estreitaram e relações foram construídas,

⁶ Anexados no apêndice do memorial

histórias de vida foram compartilhadas, por nós e por eles, e a percepção do que é ser idosos naquele espaço começou a gerar em mim pensamentos, angústias e certas tensões. O questionamento era sempre polarizado: por um lado, a ideia de ver o espaço como um bom lugar, que cuida e oferece certa dignidade aos que estão lá, conta com profissionais e com a ajuda da população (afinal, se não estivessem ali, onde muitos estariam?); por outro, a aflição constante em acreditar que os senhores e senhoras deveriam estar em suas casas, com familiares, vivendo a velhice de maneira distinta. A conclusão foi que para ajudar aquelas pessoas de alguma maneira eu deveria me despir de qualquer tipo de julgamento e estar presente com meu suporte e carinho da melhor forma que eu pudesse fazer. Foi importante para mim, perceber que aquele espaço onde moram majoritariamente mulheres, existem pessoas de diferentes idades, condições físicas e mentais, financeiras, personalidades díspares, com histórias distintas e diferentes maneiras de encarar a realidade que, naquele momento, era vivida entre as paredes do lar. Em muitas situações vivenciadas no lar e em pensamentos que estiveram e ainda estão comigo mesmo fora dele, me vinha à mente a imagem de minha avó, Norma, que vive a velhice de maneira saudável e lúcida, tem sua autonomia preservada, há contato constante com a família e oportunidades que percebo, hoje, serem um privilégio, no sentido mais legítimo da palavra. Ao contar para ela muitas das minhas experiências no Lar São Vicente de Paula, ela se considerava uma pessoa de sorte, enquanto eu me cercava da certeza de que também darei todo o suporte aos meus pais e da aflição em pensar como será quando a minha velhice chegar.

Comecei a me deparar então, com as diversas formas inerentes aos processos do envelhecimento e encontrei também em Ouro Preto, o clube da melhor idade Renascer. A partir daí, estive em um processo conjunto de pesquisa bibliográfica, por meio das leituras de materiais sobre o tema; artigos sobre a velhice e suas representações, livros e textos em sites especializados. Além disso comecei a acessar filmes e séries feitos por e/ou sobre idosos, que me proporcionaram contato com várias formas de abordagem e representação. Paralelamente a essas pesquisas, iniciei um processo de visitas frequentes ao clube Renascer. Em todas elas tive a oportunidade de conversar com idosos que usufruem do espaço realizando atividades como ginástica, coral, teatro, Tai Chi Chuan, entre outras. Foram conversas abertas, algumas individualmente, outras coletivas com esses indivíduos, onde obtive informações sobre seu dia a dia dentro e fora do clube. Participei também de algumas aulas de ginástica e dois cafés coletivos e, através do contato com essas pessoas, cheguei a Alda e Marília, duas das três personagens do

documentário. Ainda assim, sabendo da grandiosidade do que essas mulheres têm a compartilhar e questionar, para mim faltava uma voz importante a ser colocada no produto: Norma, minha avó e principal referência de mulher idosa que tenho. Diferente das outras duas personagens que moram em Ouro Preto, ela reside em Pará de Minas. Assim, desde então minhas idas para a casa foram também para saber um pouco mais sobre a vida dela, de uma perspectiva diferente da que se baseou nosso contato, nesses quase 23 anos de convivência. Grande parte desses encontros e vivências, no clube e na casa das personagens, foram documentados nos diários de campo. Em todos esses registros, narro não só experiências e técnicas, mas também sentimentos gerados a partir das imersões. Os registros tiveram início no dia 12 de novembro de 2018, em minha segunda visita ao clube Renascer. Os outros encontros registrados seguem listados abaixo:

- 15 de novembro de 2018: quando foi decidido que minha avó, Norma, seria uma das minhas personagens. 12 de abril de 2019: quando retomei o meu contato com o clube Renascer e já pretendia localizar minhas demais personagens.
- 20 de julho de 2019: data da pré-entrevista com Norma, onde narro angústias que surgem da minha relação com minha avó, a partir do momento em que começo a enxergá-la como personagem.
- 20 de agosto de 2019: quando realizei uma entrevista formal com Marília em sua casa.
- 19 de setembro de 2019: quando me desfazo de uma dúvida que era frequente sobre a participação de Alda no documentário e finalmente consigo gravá-la em entrevista.
- 26 de setembro de 2019: data do relato da minha última visita para gravação no clube Renascer.

3.2 SOBRE O PRODUTO

O documentário “Senhoras do Tempo”, é um produto audiovisual que tem como principal objetivo dar visibilidade às mulheres idosas que estão em cena. Alda, Marília e Norma contam suas histórias; mostram seu dia a dia; trazem, por meio de entrevistas, relatos ou vivências, suas opiniões, angústias, alegrias e sonhos. Por meio delas o documentário busca responder: O que é ser uma mulher idosa na sociedade atual? Mesmo que para essa pergunta exista um leque de respostas.

Sobre a estrutura do produto, a narrativa do documentário é não-linear. Não é uma história contada em ordem cronológica ou trazendo fatos em uma ordem específica. Ocorrem saltos e/ou rupturas, em decorrência dos fatos colocados pelas personagens que serão em grande parte responsáveis pela maneira como a narrativa se constrói. As imagens são de conversas, entrevistas e cenas diárias, sem uso de reconstituições ficcionais. O uso de imagens de arquivos (fotos, imagens caseiras) é recorrente pois permite maior aderência com o relato de cada personagem. Variados tipos de enquadramento são utilizados, para retratar cenas cotidianas e ambientes frequentados por cada uma delas. Quando o objetivo é, por exemplo, mostrar o local de filmagem de maneira abrangente, são utilizados planos abertos. As entrevistas foram realizada em meio primeiro plano e primeiro plano, para dar enfoque às personagens. Sobre o som do documentário, dou preferência ao som direto e ambiente.

No que diz respeito ao “modo” do documentário, seguindo a classificação de Bill Nichols (2005), os escolhidos foram o observativo e o participativo. O último, pois, em alguns momentos está presente a minha interação com as personagens, como nos diálogos e nas conversas em entrevistas, por exemplo, aceitando também o que Ramos (2008) traz como “ética interativa”, onde o produto revela a interação do cineasta com os entrevistados, buscando mostrar que o documentário é resultado de uma construção e que não é imparcial. Somado ao fato de que, Norma, minha avó, é uma das três personagens do produto, o que traz de imediato uma interação entre cinegrafista e personagem diante das telas. Acredito que é desse intercâmbio de informações e contato que a narrativa se constrói de maneira mais contundente, “uma contestação à concepção reducionista de objetividade gravada nos manuais de jornalismo, que castra a autonomia do repórter e o condiciona a apenas ‘relatar fatos’ como se isso fosse possível” (MORAES, 2015, p. 14). Além disso, com a intenção de assumir de fato que este documentário carrega minhas subjetividades, inseri sentimentos pessoais em relação à ideia de envelhecimento e até mesmo conflitos bastante íntimos, por meio offs que entram no decorrer do documentário. Por outra via, o primeiro modo de representação do documentário, o observativo, é acessado pois existe a intenção de, em alguns momentos, mostrar de maneira mais distanciada algumas vivências dos personagens, cenas do seu dia a dia, interação entre sujeitos, etc.

3.3 ELEMENTOS DO ROTEIRO

3.3.1 STORYLINE.

Senhoras do Tempo: mulheres em uma representação plural, é um documentário com duração de 18 minutos e 18 segundos que aborda a velhice feminina e seus aspectos múltiplos.

3.3.2 SINOPSE.

A desmistificação da velhice é uma busca relevante e significativa, ainda mais se tratando da velhice feminina. Um dos caminhos é rever os estereótipos associados ao envelhecimento e pensar essa etapa a partir de quem a vivencia, investindo ainda em uma reflexão sobre a maneira polarizada como a velhice tende a ser angulada. Não há melhor forma de trazer essas tensões, do que permitir que as idosas assumam seu lugar de fala. Esse é o objetivo do documentário “Senhoras do Tempo”. Por meio das personagens Marília, Alda e Norma, a velhice e a feminização da velhice serão expressadas em suas múltiplas formas. Trazendo na tela o dia a dia das três mulheres, a tensão do documentário se dá através da relação das atoras sociais com a velhice e seus sentimentos e vivências sobre essa fase. O cotidiano dessas personagens é mostrado aqui por meio de entrevistas, diálogos, cenas do dia a dia e imagens de arquivo cedidas por elas. São senhoras com personalidades diferentes, em faixas etárias distintas dentro da terceira idade e encarando a vida de formas variadas, que deixam claro que não existe manual para ser idosa.

3.3.3 BREVE DESCRIÇÃO DAS PERSONAGENS:

Mesmo antes de dar início às gravações, muito trabalho já estava sendo feito. Para que o documentário crie “forma”, é importante ter direcionamentos. A pesquisa é parte fundamental da construção do produto, dela parte o documentário. Pré-entrevistas foram realizadas com as três personagens e serviram de auxílio no momento em que as gravações foram realizadas. Arrisco dizer que em muitas dessas pré-entrevistas, me senti ainda mais próxima de Norma, Marília e Alda do que durante as gravações oficiais. Durante todo esse processo, antes e durante as filmagens, pude ter informações sobre a história de vida dessas mulheres, acompanhar parte do seu dia a dia e conhecer um pouco sobre cada uma. A descrição das personagens que será feita a seguir, apresenta o que sei e sinto sobre elas.

Alda

Alda Gualberto Teixeira tem 80 anos. Descobri a passos lentos sobre esta senhora que foi o meu primeiro contato com o clube Renascer e outras mulheres que ajudaram na minha construção de ideias para o documentário. Cabelos brancos, tão brancos que chegam a ser cinza, sinalizam a aceitação e admiração que tem sobre sua idade. Ouro-pretana, nascida no dia 18 de julho de 1939, realizou o sonho de ser telefonista e trabalhou por muitos anos até se aposentar. É conhecida na cidade por desenvolver trabalhos sociais que ajudam a terceira idade e é uma das fundadoras do Renascer e atual tesoureira do local. Suas tardes são no clube de segunda a quinta. Uma manhã por semana atua como provedora na Santa Casa da Misericórdia. Quieta, usa sempre o número de palavras necessárias para passar as informações que lhe são solicitadas, mas sempre com educação e carinho. Alda é um dos nomes que mais ouço ser chamado ou citado no clube, “Pergunta pra Alda” “Alda, quando pego o boleto da mensalidade?”, “Hoje a moça das doações veio procurar a Alda”. Fundamental ao funcionamento do lugar, ela dedica a ele grande parte de seu tempo, mas suas atividades estão longe de ser só ali. Em uma das ligações que fiz a ela, falando baixinho me pediu para retornar depois, pois estava acompanhando o irmão em uma consulta. Pensei nela como a responsável por ele naquele momento, com a autonomia do ir e vir e poder cuidar de alguém que ama. É casada com Emílio Tomás e tem quatro filhos. É dona de uma humildade de se admirar, fala sobre o clube, o hospital, sobre os projetos culturais que acontecem na cidade, pede contribuições para eles, doações de roupas para o bazar da instituição; mas nunca traz à tona como ela tem grande importância na articulação disso tudo. Não é necessário.

Marília

Marília Terezinha de Souza Araújo, 72 anos, foi uma das primeiras mulheres que vi no clube. Apenas vi. Na verdade, trocamos poucas palavras em um ambiente com muitas pessoas no horário da aula de Tai-chi-chuan. Tínhamos ainda que falar baixo na situação, pois a aula é calma e em silêncio, e a sala onde tivemos nosso primeiro encontro é bem ao lado ao salão principal do clube. Sorriso aberto, mulher, negra, blusa amarela do grupo de ginástica, cabelo preso por uma faixa, fala calma e carinho nos olhos. Apenas alguns dias depois descobri que dona Marília é casada com senhor José Carlos, que me recebeu no bazar ao lado do salão, no meu primeiro dia de Renascer. Os dois compartilham o sorriso aberto, cor da pele e carinho nos olhos. Seguimos nos aproximando e desde então eu e Marília estivemos próximas. A surpresa foi quando,

saindo de uma das aulas de ginástica que participei no clube, andamos em direção ao ponto de ônibus e descobrimos que nosso destino seria o mesmo. Vizinhas de bairro, morando em ruas muito próximas a quase três anos, só agora descobrimos nossa companhia para voltar para a casa. Enquanto esperávamos o Transcota amarelo surgir no ponto, com o destino para Saramenha, falamos sobre a cidade. A Ouro Preto que me acolheu tão bem nos últimos três anos e meio de vida universitária, é lar de Marília há 76 anos. Ouropretana com amor, “nascida, criada e casada” na cidade, como ela diz, tem orgulho em falar o frio no inverno, as igrejas da cidade que já entrou uma por uma e como o berço da família que construiu se fez aqui. O ônibus chegou, Marília entrou na frente e um casal nos separou na entrada. Quando cruzei a catraca meus olhos rapidamente encontraram sua mão acenando no fundo do ônibus para que eu pudesse encontrá-la. Deu dois tapinhas na cadeira ao lado como um convite para que eu me juntasse novamente a ela, “Quanto carinho cabe em um gesto?” Pensei. Me assentei e continuamos a conversa por um tempo, já que nosso ponto de parada é o penúltimo da linha. Em nossos outros encontros, descobri que ela mãe de quatro filhos: João Paulo, Bruno, Juliana e Cristiano, o último falecido há quatro anos em um acidente de carro. Quatro netos. Otávio e Bárbara são os mais próximos, apesar de que “o amor pelos quatro é o mesmo”, ela diz. “Bárbara está lá em casa todos os domingos praticamente, mas com o Otávio eu falo muito no ‘zap’, deixa eu te mostrar”. Tira o celular da bolsa, liga o aparelho e entra nas conversas no WhatsApp. Áudios com Otávio, fotos com Bárbara em Caldas Novas. Marília faz uma pausa nos dedos que passavam as fotos rapidamente para contar como adora viajar. A última viagem foi para Caldas Novas com o marido e amigos. Alguns dos rostos nas fotos dessa viagem são familiares a mim, conhecidos do clube. “Essa aqui é a Neusa, você com certeza já viu ela lá”, Marília diz. Continua as fotos, selfies com o marido, momentos na piscina, o aquário do hotel - imagem que gravou para Otávio, o neto mais novo. Esses meses de convivência me fazem a considerar uma mulher forte, articulada e carinhosa. Cedo eu soube que seria uma de minhas personagens.

Norma

Norma Vitoriano Barbosa, 84 anos. Dela herdei meu sobrenome, mas é muito antes de mim que sua história começa. A sexta, de sete irmãos, nasceu no dia 15 de julho de 1937, em Caeté, MG, lá passou a infância e juventude, época em que foi criada por um pai doce e uma mãe muito brava. Na adolescência conheceu Raimundo Daniel, mais conhecido como “Badú”, segundo ela, marido e pai dedicado, homem bom, porém muito

ciumento. Em minhas conversas com Norma, percebi que muito sabia sobre ela, porém sempre por meio de outros. Do que minha mãe ou tias contavam. Ato falho, uma vez que ela sempre esteve ali, ao alcance da pergunta e disposta a responder, como tem feito agora. Parte do seu casamento foi morando em Caeté e outra em Belo Horizonte, cidade que, em suas palavras, aprendeu a gostar. Dona Norma é mãe de 4 filhos - 3 mulheres e um homem - e avó de 6 netos - 3 homens e 3 mulheres. Badú faleceu há 26 anos e desde então uma das definições de si mesma que vovó faz é como viúva. Talvez uma maneira de carregar Badú com ela. “A gente adorava ir aos bailes do clube em Caeté, dançávamos muito e conversávamos bastante, ele amava bolero. Hoje eu ligo a rádio e danço sozinha no quarto”. Lembranças. Seus movimentos são rápidos, sempre com algo a ser feito, em uma rotina que paradoxalmente não tem demandas emergenciais. Em um dos nossos últimos encontro, quando cheguei, ela estava lavando a louça do almoço, minha tia ajudava e minha prima sentada na mesa da cozinha. Tinha acordado cedo, foi na gruta do parque rezar e depois fez as compras na feira. Tudo deveria estar pronto até as 16h30 pois às 17h tinha aula de hidroginástica. Sua rotina segue assim movimentada e próxima à família. Preferiu não aderir ao WhatsApp, mas o celular está sempre na bolsa e quando a saudade aperta, liga para os filhos e netos que estão longe. Aos fins de semana, família, as amigas e uma dose de cachaça para esquentar. As dores no joelho já chegaram, o grau dos óculos aumentou recentemente, mas a força da mulher que é, só aumenta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após meses de trabalho e uma imersão maior do que a imaginada ao início desse ciclo, agora é, de maneira surpreendente para mim, ainda mais difícil falar sobre o processo de construção do produto documentário *Senhoras do Tempo*. Isso se explica porque neste momento tenho uma carga maior de conhecimento e envolvimento com o tema, as personagens e o resultado final, que é o produto em si. O que antes era em grande parte conteúdo imaginário, previsões baseadas em pesquisas e ideias, hoje se consolida no momento em que aperto o “play”.

Em primeiro lugar, é válido ressaltar a importância do tema, seja essa relevância acadêmica, a social ou a pessoal (uma vez que o tema abordado faz parte do meu dia a dia de forma indireta e me provoca diversos questionamentos); e começar a perceber, refletir e questionar sobre a maneira como a velhice vem sendo representada. Percebi após toda a pesquisa e construção do produto, que o estigma do idoso como um indivíduo solitário, metódico, tímido e rabugento, ainda é forte, porém, vem sendo desconstruído por meio dos muitos idosos que não possuem essas características. Com o passar do tempo, o aumento da expectativa de vida e a mudança de hábitos; a forma de encarar a vida após os 60 anos também mudou. Na contemporaneidade se estabelece de maneira forte a descronologização da vida e isso diz respeito à maneira como a sociedade vê a passagem do tempo e como a chegada da idade é representada em geral, cada vez mais ampla e com possibilidades. Dessa maneira, trazer a velhice, falando de mulheres ativas e integradas socialmente, possibilita que essas se sintam representadas e abre espaço para que os jovens e adultos encarem a velhice sem tanto distanciamento.

Além disso, percebo ao final desta etapa, a importância da pesquisa prévia antes da realização do projeto. Ela se faz ainda mais necessária (ao meu ver fundamental) quando saímos do nosso lugar de fala e representamos a realidade de outros indivíduos. Não sou velha, mas serei. Assim, falar sobre um tema que, de maneira antagônica, me faz sentir leve e amedrontada, simultaneamente, foi desafiador e gratificante. Tenho ainda a consciência de que trouxe na tela, com o documentário em questão, apenas uma pequena parte da realidade da velhice em nosso país, que é vivida de maneira tão ampla pelas mulheres, com a influência de fatores sociais, econômicos e de gênero. Sei também, que existe a chance de mulheres idosas se reconhecerem e se verem representadas por meio de Alda, Norma e Marília. Isso me conforta e motiva.

A respeito da produção, que já via como desafiadora quando optei por realizar um produto como trabalho de conclusão de curso, percebi ser ainda mais difícil durante o processo. Executar sozinha a produção, direção, entrevistas, captação de imagens, e grande parte da edição, foi árduo e cansativo, mas desistir nunca foi cogitado pois, a cada pequena etapa concluída, o sentimento foi de gratidão e alegria. Compreendi que trabalhar dentro das possibilidades e lidar com algumas limitações, como a dificuldade de locomoção, agendar horários para usar equipamentos, tentar (e conseguir, mesmo cometendo erros) executar mais de uma função ao mesmo tempo durante as entrevistas realizadas com as personagens; foi preciso e me fez aprender muito. Meu desejo é que, na simplicidade do resultado final obtido, que foi realizado com trabalho e carinho, mulheres idosas se vejam representadas, e mulheres jovens e adultas possam dar ainda mais valor à velhice, pois um dia seremos todas idosas

5. REFERÊNCIAS

- ALBERT, Verena. Ouvir Contar, Textos em História Oral. Rio de Janeiro; 2004.
- BEAUVOIR, Simone. A velhice. Rio de Janeiro; 2018.
- BELCHIOR, Carolina. SANTANA, Carla. A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos.
- Kairós** – Revista online de Gerontologia, v. 16, n. 1 2013. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20343>>. Acesso em: 11. Out. 2018.
- BEZERRA, Ada. A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva. **BOCC** – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=898>>. Acesso em: 9. Out. 2018.
- COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. Cadernos de Sociologia. v. 9, Porto Alegre: UFRGS, 1998, p.143-159.
- DEBERT, G.G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP/FAPESP; 1999.
- FRANCO, Cassandra. A velhice feminina e a reconstrução da identidade da mulher idosa. Revista online Comunicação e Sociedade. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Brasil. v. 21, n 1 2012. pp. 67 – 78. Disponível em <<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/issue/view/61/showToc>> Acesso em: 8.jun.2019.
- GEERTZ, Clifford. Obras e vidas. O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A; 2000.
- HAMPE, Barry. Making documentar films and reality vídeos. Nova York: Henry Holt and Company; 1997.
- JUNKERS, B.H. Fieldwork: An introduction to the social sciences. Chicago University, IL.
- JORGENSEN, D. L. Participant Observa-tion: a methodology for human studies, Thousand Oaks, California: SAGE Pu-blications, 1989.
- KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. Bauru, SP: EDUSC; 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.

MORAES, Fabiana. O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. São Paulo: Editora Arquipélago; 2015.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas (SP): Editora Papirus; 2005.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção. Campinas (SP): Editora Papirus; 2009.

QUEIROZ, Terezinha. FREITAS, Maria. SOUSA, Jacy. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Scielo** – Biblioteca Eletrônica Científica. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n2/24.pdf>>. Acesso em 06.nov.2018

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário?. São Paulo: Senac/SP; 2008.

5.APENDICE

1. Roteiro:

CENA 1: Tem início as imagens do dia do meu nascimento (meus pais, momento do meu parto e minha avó me segurando no colo). Seguem as imagens com áudio quase imperceptível como bg e entra off com minha fala.

Off de Julia: Quando nasci minha avó tinha 61 anos. Ela completava um ano de velhice de acordo com a lei do nosso país. De todas as lembranças que tenho dela, nenhuma se aproxima da imagem mental generalizada do que é ser idosa. Norma nunca esteve sentada em uma cadeira de balanço, fazendo tricô ou lendo um livro. Ela nos carregava no colo, participava de viagens, cuidava da casa, tinha e tem sua rotina. Carrega sua história, suas angústias e sonhos junto à sua lucidez e saúde e me fez repensar o que é ser mulher e ser velha.

CENA 2: Entrevista com Norma.

Interna / Norma sentada no sofá de casa.

Vídeo 4

00:06 - 00:24: Norma Vitoriano Barbosa, 84 anos. Nasci em Caeté e morei lá muitos e muitos anos, saí de lá eu já era casada, com os filhos criados.

02:07 - 02:16: Fiquei viúva, mas criando os filhos, sentindo muita falta do marido como eu sinto até hoje, que foi muito bom.

CENA 3: Entra imagens de arquivo de Norma e seu marido.

Vídeo 4

02:17 - 02:30: Todo casamento tem suas crises, tivemos as nossas, mas coisas superadas. Tirando o ciúmes o resto era ótimo!! Ele gostava muito de festa, não perdíamos um baile.

CENA 4: Introdução à Marília

Externa/Marília mostrando a horta.

Vídeo 11

00:00 - 00:12

CENA 5: Entrevista com Marília.

Interna / Marília sentada no sofá de casa.

Vídeo 07

00:03 - 00:19: Meu nome é Marília Terezinha de Souza Araújo, meu marido se chama José Carlos de Souza Araújo, nós tivemos quatro filhos, uma filha e três filhos.

02:05 - 02:30: Eu e meu marido estamos fazendo 46 anos de casados e esperamos chegar ao menos aos 50 para comemorarmos as bodas de prata. Temos dois netos de sangue e dois que meu filho adotou como deles.

02:33 - 03:53: Eu moro aqui em Ouro Preto, sou professora aposentada a mais de 20 anos. Trabalhei muito no ensino fundamental, ensinando as crianças a lerem e dei aula por 27 anos. Hoje eu me orgulho muito! Encontro meus alunos, já tenho netos que são filhos dos meus alunos, agradeço muito a Deus por ter me dado essa chance de ser uma professora porque acho uma missão muito bonita! É um trabalho muito gratificante, principalmente trabalhar com crianças menores... eu sempre pegava o prezinho que eram crianças até os 6 anos, a mesma turma eu ia para a primeira série e depois os meninos passavam para de manhã, para a terceira série e eu voltava para a outra turminha do pré.

CENA 6: Introdução à Alda

Interna / Alda sentada no sofá vendo fotos de família.

Vídeo 09 todo.

CENA 7: Entrevista com Alda.

Interna / Alda sentada na cadeira da sala de jantar.

Vídeo 07

00:03 - 00:29: Meu nome é Alda Gualberto Teixeira, eu tenho 80 anos ... Minha mãe que morava aqui, ai ela adoeceu e eu vim para cá pra ficar com ela.

01:38 - 02:15: Vou fazer 60 anos de casada... Aquela rua São José que hoje não tem movimento... A gente passeava muito lá. Todo sábado e domingo tinha uma turma, os rapazes iam de um lado e as moças de outro, aí a gente conquistava né!? Achava os

namorados era lá. Hoje é uma rua morta, não tem nada, mas no meu tempo, na minha mocidade a gente distraía era lá, na rua São José.

Vídeo 08

00:08 - 00:25: Eu comecei a trabalhar muito nova, com 13 anos, antigamente podia né!? Com 14 já registrava na carteira. Então, trabalhei em uma companhia que se chamava Companhia Industrial Ouropretana, de tecidos, força, luz e telefone.

CENA 8: Entra imagens de arquivo de Alda no trabalho acompanhadas por seu off.

off de Alda: 01:28 - 01:38 : Primeiro eu fui telefonista que era meu sonho, que era cia de telefone, depois quando acabou eu fui para o escritório e era faturista. Eu faturava os tecidos.

CENA 9: Entra imagens de arquivo de Julia e Norma com off de Julia.

off de Julia: Tenho medo de ser velha. Não pelas rugas, elas não assustam. Quero ver minhas tatuagens formando um novo desenho na pele. Tenho medo de envelhecer porque o tempo me aflige. Quem ele pode levar, o que pode trazer. Fecho os olhos e me sinto angustiada em olhar para trás e não ter realizado meus sonhos. Tenho medo de despedidas, de ficar e ver ir embora para não voltar. Tenho medo de deixar de ser mulher para me tornar velha.

CENA 10: Interna / Norma arrumando a casa.

Vídeo 06

00:01 - 00:10: Norma cantando te amarei senhor enquanto limpa a casa.

CENA 11: Interna / Entrevista com Norma.

Vídeo 04

13:54 - 14:23 - Atividade em casa, eu faço porque eu gosto de fazer! Porque os filhos falam, “não faz, não faz”. Mas eu gosto, não consigo ficar quieta. Eu gosto de assistir à televisão, tenho meus programas que eu gosto, são poucos, mas eu gosto.

Entra imagens de arquivo das viagens de Norma e reuniões de família:

Vídeo 04

14:24 - 14:29: Gosto muito de viajar, adoro viajar.

14:53 - 14:55: Eu gosto muito de estar junto com a família ...

18:03 - 18:40: Os meus netos, tem um que fica assim [pausa rápida] Ah não, isso eu não vou contar ... Ficam me chamando para tomar um vinho [risos] para não falar outra coisa. Tem um neto que me chama “vamos vovó, tomar uma pinguinha”? Gosto até hoje! Então, tem um neto que gosta muito de me convidar.

CENA 12: Interna / Trecho de entrevista com Norma

Vídeo 4

15: 12 - 16:12: Toda vida eu gostei muito de dançar e desde que eu fiquei viúva, eu acabei. Minha vida ficou assim. Nunca mais fui a um baile, porque eu fiquei viúva nova. Eu podia ter continuado aproveitando a minha vida, porque eu estava nova. Então não, achava que era com ele e com ele estava bom e acabou! Mas não, até hoje eu gosto. Quando está a família reunida... Vou contar uma coisinha aqui: quando está a família reunida para um churrasquinho, uma reuniãozinha de família e está aquelas músicas, aí começo doida para dar uma dançadinha, aí vou escondidinha para trás de uma porta e danço sozinha. Aí de vez em quando chega um e dá uma olhada aí eu paro. Mas é isso a vida!

CENA 13: Externa/ Fachada do Clube**CENA 14:** Interna/ Marília na aula de ginástica**CENA 15:** Entrevista com Dona Marília

Interna / Dona Marília sentada no sofá da sala.

Vídeo 8

12:40 - 13:35: Fui para o Renascer e estou lá até hoje. Agora eu trabalho no bazar de lá, eu faço Tai-chi-chuan, que é uma atividade muito gostosa que você trabalha com o corpo, trabalha bem lentamente os movimentos que te tiram a ansiedade toda. Os movimentos e tudo... É muito bom. Nisso, a gente viaja muito, eu faço aula de ginástica também e tudo. E lá eu tô até hoje, graças a Deus! Tenho feito meus exames, hoje fui fazer exame do coração, estou ótima. O médico falou que meu coração tá joia, então estou amando. Meus amigos, a gente conversa muito é muito bom. Muito bom mesmo.

CENA 16: Interna / Dona Alda mostrando o altar de casa

Vídeo 12

00:05 - 00:31: Minha igreja!

CENA 17: Interna / Trecho de entrevista dona Alda

Vídeo 07

00:37 - Eu acho que eu sou muito realizada. Eu ajudo lá na Santa Casa, sou da irmandade, sou lá do clube Renascer, desde a fundação. Até meu marido brinca comigo que lá é minha casa.

CENA 18: Dona Alda conversando enquanto trabalha no clube.

Vídeo 03

00:00 até 00:16

CENA 19: Dona Alda sentada na sala da tesouraria do clube.

Vídeo 06

00:08 - 00:18: Eu estou aqui no clube Renascer o qual eu amo muito desde a fundação, que foi dia 23 de Janeiro de 1994.

02:00 - 02:30: Atualmente eu sou a tesoureira, já tem um tempo que sou a tesoureira do clube e zelo muito pelo pouco que nós temos, porque nossa sede foi feita com muito sacrifício, foi construída catando latinha no carnaval e até hoje toda benfeitoria é com dinheiro de latinha da reciclagem.

02:58 - 3:41: Evento nós temos o dia das mães. Comemoramos dia dos pais e final de ano a confraternização.

Off de Alda com imagens de arquivo de viagens e eventos do clube: O pessoal adora viajar, gostamos muito de viajar! Nós já fomos até no Paraguai fazer compras ... Mas assim, quase todo domingo a gente vai para um distrito aqui perto, nós temos muito convite para participar de encontro de clubes.

Retorna entrevista de Alda: É muito bom! o povo dança o dia inteirinho.

CENA 20:

Alguns segundos de tela preta (aproximadamente 2s) Tem início meu off enquanto seguem imagens do céu.

Entra off Julia: Há pouco tive um sonho; eu observava uma mulher de cabelos brancos sentada de costas para mim, um pouco distante. Alguém gritou “Julia”! E ela olhou. Eu não vi seu rosto. Acordei pensando sobre como nem sempre nos sentimos completos com o que temos de melhor e ansiamos por mudanças. Na realidade, conforme o tempo passa saímos da nossa zona de conforto e sair da zona de conforto é difícil. O tempo é assim, como nadar até o mar aberto. Ir contra a corrente cansa, quebrar as ondas, ir e vir, perder o fôlego sem saber se vai chegar. Chegar! Olhando do alto mar não se vê mais as ondas quebrando, a respiração aos poucos se acalma, e agora, vindo de cá, tudo que está lá parece tão pequeno, que não entendemos porque já foi ameaçador.

Tô aqui da areia imaginando como será boiar em alto mar.

Volta tela preta.

CENA 21: Entrevista com Norma. Parte final

Interna / Norma sentada na cadeira, sala de jantar.

Vídeo 12

00:00 - 02:01: Enxergam velho com uma maneira tão triste. Ô Gente, não é! É sinal que você já viveu muito. Tem que ter tristeza. Eu tinha vontade de ser uma pessoa mais alegre, mais espontânea, sabe? Mas não é por causa da idade que eu não sou. Porque toda vida fui assim, toda vida tive dificuldade. Igual falei, não tive uma vida (pensa) Aproveitei a vida só enquanto casei, namorei. Mas eu acho, eu admiro, na televisão que vi uma senhora que ganhou o prêmio de natação e está com 90 e não sei quantos anos, 92 e agora ela falou que vai parar porque já teve as medalhas todas, então agora quer curtir a vida. Eu sinceramente tinha vontade de ser assim, agora eu quero curtir a vida. Mas não é bem assim, a pessoa tem que ver ó, já vive tantos anos e sinceramente, tenho muito medo de ficar dependendo dos outros para me olhar, então não tenho vontade de viver muito, com medo da dependência, de ficar dependendo dos outros. Fora isso, é muito boa a vida, velhice é muito bom. Você vivendo com saúde. Igual eu, sou uma pessoa disposta, não gosto de ficar parada. Então é isso, velho é velho mesmo. Tem que encarar né Julia?

CENA 22: Cena final

Entra trilha sonora (música clássica) enquanto segue tela preta. Continua a música e retorna com imagens do céu enquanto sobem os créditos

2. Diários de Campo:

- **Minha recepção - 12 de novembro de 2018**

Ontem resolvi que hoje seria dia da segunda visita ao Clube Renascer, dessa vez um pouco mais íntima, já que o ambiente ao menos já me é familiar. Passado o dia na redação do Lâmpião⁷, peguei minha carona e quando parei em frente à entrada principal, fiquei inesperadamente agoniada. Como abordaria aquelas pessoas? Era hora de dar alguma explicação mais concreta? É um projeto ousado demais? Estou com um pouco de medo, mas, sigamos. Contornei a esquina e as janelas do clube apontaram, a música calma me fez pensar: “novamente a aula de Tai Chi Chuan!”. Fui direto até dona Alda, coordenadora e tesoureira do espaço, aparente ponto de referência para os demais idosos que fazem as várias atividades no local, com quem conversei na primeira visita.

- Oi dona Alda, lembra de mim?

- Lembro não.

- Estive aqui semana passada, conversei com a senhora sobre o Clube, as pessoas e meu trabalho.

- Ahhh, lembro sim. Pode ficar à vontade tá?

Ainda é cedo pra ficar à vontade. Me encostei na porta da sala, de frente para a aula de Tai Chi, e fiquei observando, olhando do canto dos olhos percebi a primeira movimentação. As mãos um pouco lentas moveram a cadeira da mesa para perto da parede, embaixo da janela. Puxei uma cadeira e me sentei também.

- A Ana Paula, que dá aula de ginástica, machucou. Já tem um tempo que a outra moça da aula no lugar dela.

- É mesmo? ela machucou como? A outra moça.

- Ela caiu.

⁷ Nome do Jornal Laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto

Dona Maria Cota me achou. 86 anos, nascida em Mariana, mora a 60 em Ouro Preto. Viúva, 7 filhos, 5 vivos. Inicialmente um pouco tímida, porém, visivelmente aberta ao contato, uma vez que iniciou a conversa. Não foi difícil continuar, eu falava mais alto para que ela escutasse, os ouvidos já não funcionam tão bem, mas a cabeça está ótima. Me contou que um dos filhos mora com ela no Antônio Dias, na rua da matriz, outros três moram no terreno do fundo e a mulher, filha mais velha, não mora mais com ela - mulheres sempre a frente- pensei e não dividi.

- Bom que a senhora tem os filhos por perto né?

- É bom sim, e eles me incentivam muito a estar aqui... Mas, sabe como é né? [Pausa] Depois de um tempo a gente não controla mais, as vezes eles tão bem um com o outro, às vezes não tão...

Pousou os olhos sob as mãos, esperou alguns segundos e perguntou sobre mim: que curso faço, de onde sou, se sou próxima dos meus pais... Perguntas respondidas, aproveitei para falar um pouco sobre meu trabalho, sobre como quero conhecê-los melhor. Eu estava profundamente incomodada em não falar sobre isso, de me aproximar sem deixar ao menos explicado ainda que de forma superficial, meus objetivos. Ainda assim, fui convidada para a aula de ginástica que começaria em 30 minutos. Nesse tempo dona Cota me contou sobre as caminhadas que faz nos dias que não vai à ginástica no clube, porque, segundo ela “o importante é movimentar, senão para”. Concordei e disse que eu preciso me movimentar mais também. Conversamos até a hora da ginástica: diferença de temperatura entre Ouro Preto e Mariana, amigos que ela fez no clube e a apresentação do grupo de teatro do Lar no dia 17 de dezembro - anotei -. Durante as pausas em nossa conversa, observava também o grupo que fazia Tai Chi Chuan no salão, todos concentrados nos movimentos até que uma senhora saiu andando em meio aos alunos, que automaticamente começaram a cantar: “Ela não anda, ela desfila, ela é top, capa de revista!”. Todos riram, eu e dona Maria Cota também. Então, a senhora passou por mim e me cumprimentou, indo para dentro da sala de Alda. Dona Cota me disse que ela sempre faz isso. “É meio doida, mas é boa pessoa”.

Adriana chegou, a professora de ginástica. Me lembro dela a primeira vez que estive no clube, e nesse dia não fiz registros. Cota me pegou pela mão e fomos para o segundo andar. Passos lentos para subir a escada, me apresentou aos demais colegas da turma. “Essa é a Julia, ela vai voltar aqui mais vezes”. A deixei na aula me sentindo como

uma mãe que deixa a filha no balé, mas sei que, na realidade, quem me levou até lá foi ela. Começou a aula, assisti um pouco e tive que ir. Dona Cota me recebeu neste lugar, é uma das portas de entrada para esse universo que pretendo descobrir.

- **Norma, uma possível personagem - 15 de novembro de 2018**

Seus movimentos são rápidos, sempre com algo a ser feito, em uma rotina que antagonicamente não tem demandas. Quando cheguei estava lavando a louça do almoço, minha tia ajudava e minha prima sentada na mesa da cozinha. Mamãe foi junto e começou a contar sobre como se divertiram na sala de espera da Oftalmologista, na semana passada.

- Sua avó estava tampando os olhos com um paninho por causa do colírio, aí quando a moça chamava ela também não escutava.
- Velho é assim mesmo, quando não tá vendo também não escuta.

Riam muito disso.

- Sua mãe falou que ia me deixar falando sozinha e quando eu abrisse o olho não ia mais tá lá, olha o desaforo.

Mais gargalhadas.

83 anos, quatro filhos, seis netos, disposição, mania de reclamar e carinho. O joelho ainda dói da queda -de fato estava inchado e um pouco roxo-, a vista não está boa, o braço dói, as juntas estão travando, o calor tá deixando indisposta.

- Então porque a senhora não para um pouco?
- Tenho que varrer a casa, olhar a cachorra, ajudar a Norminha, dar uma volta no centro.

Mamãe e minhas tias a chamam de “pulguinha”, fica pulando de um lado para o outro. Sentamos no sofá, vovó de saia preta bem soltinha e blusa branca. Esticou as pernas e colocou a mão no meu colo. Perguntou da universidade, de Ouro Preto e do namoro. Vi aí a brecha para perguntar do meu avô, ela fala sobre ele com certa frequência, mas de

maneira superficial. Pegou uma agendinha para responder minhas perguntas, nela estão anotadas datas importantes pois ela tem medo de esquecer um dia. Se casaram em 1955, vovô faleceu em 1993, aos 63 anos.

- Novo, muito novo, Não era a hora certa. Quer dizer, quem sou eu pra contestar a vontade de Deus, né filha? Mas estava novo, gostava da vida, podia ter ficado mais aqui. Só que não fez por onde também.

Vovô morreu com câncer no pulmão, fumava um maço por dia. Era muito ciumento, “Tinha ciúmes até própria sombra”, vovó fala. Quando fala dele, é como se estivesse falando dela também. Contou sobre duas senhoras “Pinta braba” que moravam na mesma rua que eles em Caeté. Delas tinha ciúme, pois eram casadas e ainda assim davam em cima de Badú.

- Uma vez, uma delas me falou: “Norma, eu sou doida com a nuca do seu marido”. Cê acredita? Quando ele deu carona pra elas, pra pegarem um ônibus para Belo Horizonte, fiquei doida de raiva. Ele me contou que o marido de uma estava junto, mas mesmo assim. Essa foi a única vez que fiquei com ciúme de verdade.

Eles saíam muito para dançar, ela sempre fala disso. Iam ao clube de Caeté e quando se mudaram para Belo Horizonte continuavam dançando, mesmo em casa. Vovó contou que dança escondido no quarto, as músicas que tocam na rádio da cidade. Questionei o porquê de ser escondido já que dançar é tão bom. Dona Norma falou que já não tem o mesmo gingado e dançar sem Badú não é a mesma coisa. Levantou e foi olhar se a chuva não estava molhando o quarto. “Ôôô caramba, deixei essa ‘badela’ de janela aberta de novo”. Secamos o chão, pegamos Lili -a cadelinha- e voltamos para o sofá.

- A senhora sente muita saudade do vovô?

- A saudade aumenta, mas a gente aprende a lidar com ela.

Quando ele estava doente, um dia olhou pra mim e perguntou: “Vamos fazer um trato?”. Falei que a gente não faz trato sem saber o que é. “Eu tô doente e vou morrer. Aí eu volto pra te buscar”. Aí eu tinha que ser forte, sabe? Para ele ser forte também. Aí eu falei “Tá vendo esse pessoal aqui?”. E aponteí pros meninos: sua mãe, suas tias e Roberto, que

estavam lá em casa. “Eles precisam da gente ainda, então quem for primeiro, o outro fica”. Ele entendeu.

Ela contou como uma lembrança forte, mas não ficou triste. Lili começou a pular no sofá e ela ficou irritada, chamou minha prima para tirá-la de lá e fomos para a cozinha. Guardei a agendinha dela no criado, que fica no quarto, em frente a cama cheio de santos em cima. Ao lado, um móvel com fotos de todos os netos e uma com todos os filhos e netos, que tiramos em seu último aniversário. Voltei para a cozinha para me despedir. Levantou devagar, com a cara de quem sentiu dor, provavelmente o joelho. Me abraçou, abraçou mamãe. “Volta amanhã, minha filha”. Nos levou até a porta. “Vai com Deus e nossa senhora passa na frente”, como sempre diz. Fechei a porta do elevador, “Psiu”, deu um tchauzinho pela greta. Até amanhã dona Norma.

- **Clube Renascer - 12 de abril de 2019**

Sigo ansiosa para iniciar as gravações, a ideia de como será o produto começa a se formar de maneira mais clara para mim, mas sei que não é o momento. Ainda estou em dúvida sobre as possibilidades de personagens. Ainda assim, tento manter contato com o clube para obter essas respostas e entender um pouco mais sobre meu objeto de estudo. Hoje tive minha segunda experiência mais ativa no lugar, a segunda aula de ginástica que participei. Sobre a primeira, infelizmente, não fiz registro escrito. Cheguei ao clube e me deparei com rostos conhecidos. Pela maneira como me cumprimentaram, também se lembram de mim, isso é bom. Dona Alda já relatou à alguns que irei acompanhá-los mais de perto, mas eu sentia a necessidade de dizer eu mesma. Subi com dona Marília para o salão da aula, o objetivo inicial não era participar, mas sim observar de fora.

Ao chegar lá, Ana Paula, a professora, veio até mim. Na primeira aula que acompanhei, já tinha explicado à ela que estaria presente em alguns momentos, pois o clube faria parte de um filme, do meu trabalho de conclusão de curso. Ela logo pegou uma cadeira e me convidou para os alongamentos. Participei da aula toda, me cansei em exercícios, muitos deles realizavam as atividades de maneira mais eficiente que eu, observei muito, tentando ser o mais discreta possível. Ao final rezamos e Ana me surpreendeu: “Julia vai acompanhar algumas de nossas aulas. Quer se apresentar Julia?”. Negar não era uma opção. Eu já conhecia alguns deles e recebi diferentes olhares. Dos conhecidos veio apoio e dos desconhecidos curiosidade. Recebi naquele momento a

oportunidade de me apresentar a grande parte do grupo. Me sinto mais à vontade agora em retornar ao clube.

- **Sobre minha relação com Norma - 20 de julho de 2019**

Algumas questões perpassam meus pensamentos sobre minha avó. Passam de maneira tão simultânea após esses dias de intensa convivência e gravação que se torna difícil hierarquizar. Vou me esforçar para transformar em palavras da melhor maneira possível. Um: em entrevista de Eduardo Coutinho ao canal Brasil, que cito no memorial deste Trabalho de Conclusão de Curso, o mesmo diz que o entrevistado deve ser escutado sem julgamentos, pois não sabemos o seu “antes” ou seus sentimentos, dessa forma não nos cabe avaliá-lo, mas sim buscar compreendê-lo. Quando se trata de alguém próximo, isso é extremamente difícil. Difícil pois temos informações prévias sobre sua história de vida e principalmente porque estivemos presentes em algumas ou muitas delas, conhecemos um pouco mais sobre a personalidade do indivíduo. Temos em muitos momentos a audácia de dar credibilidade ou não às suas palavras, por mais que isso não seja demonstrado. Com Norma foi assim. Muito do que ouvi, percebi, ou ao menos senti, não ser tão verdade. Isso pelo que já vivenciei em nossos 23 anos de convivência ou pelo que já ouvi sobre ela. Tive o cuidado máximo de não intervir, não questionar demais e muito menos dar opinião contrária. Não seria justo, com ela nem com as outras personagens. Busquei aceitar, ver por outro ângulo e entender sua visão e seus sentimentos. Nesses momentos, a verdade de Norma deveria ser absoluta. Ao menos provisoriamente.

Dois: questão tão incômoda quanto, ou mais, é perceber minha visão incompleta sobre sua realidade. A ideia de minha avó como idosa ativa e lúcida é de fato real, ela é assim e se afirma assim. Porém, enxergar lacunas em minha percepção está sendo um pouco frustrante. Vovó me contou abertamente sobre se sentir só mesmo cercada de gente e sobre arrependimentos de buscas que não fez durante a vida. Parte da sua solidão poderia ser suprida em pequenas atitudes minhas ou de pessoas de nossa convivência. Me sinto desapontada e insensível. Sobre a parte técnica da gravação, não me senti 100% satisfeita em relação ao enquadramento de uma das entrevistas, pois o cenário não ficou claro. Optei por utilizá-lo pois foi onde encontrei a melhor luz, mas o espaço em si, deixou a desejar.

- **Retorno ao Renascer- 14 de agosto de 2019**

Estava apreensiva para meu reencontro com o Clube Renascer. Digo “com o clube” pois não sabia ao certo quais das minhas até então prováveis personagens estariam lá e como seria na hora de sustentar sua participação no documentário, que estava, até então, mais incerta do que confirmada. Entrei no clube e só vi rostos desconhecidos, até chegar em Dudu que estava com pressa para ir embora. Senti desespero. Onde está Alda? E Marília? E Márcia? Liguei para Alda, caixa postal. Perguntei por ela, estava a caminho. Alda chegou! conversamos sobre os acontecidos no tempo em que não nos vimos. Ela como sempre fazendo mais de uma coisa ao mesmo tempo; conferindo a agenda, fazendo recibos para as outras 2 senhoras que estavam na sala e conversando comigo, assim, simultaneamente. As poucas vezes que tive a atenção exclusiva de Alda (penso eu) foi por telefone. Decidi então falar ali mesmo sobre o documentário.

-Alda, posso fazer imagens do clube agora? E da senhora trabalhando?

-Pode, fique à vontade.

-E a senhora está mesmo disposta a falar comigo? Ser gravada para o meu filme? Falar sobre suas vivências dentro e fora do clube?

-Estou sim, mais pode ser outro dia?

-Claro, pode ser na sua casa.

Acho que só vou acreditar de fato que Alda é uma personagem, quando a filmar. Fiz algumas imagens do clube e de Alda trabalhando. Perguntei por Marília, se viria. Para minha boa surpresa, ela já estava no bazar do clube, que é virando a esquina. Novo corte de cabelo, “long bob”, calça jeans, blusa listrada, óculos, batom vermelho em uma combinação simples e estilosa que me agradou. Fui recebida com um sorriso. Sr. José Carlos também estava lá, tocando violão. Conversamos muito, Marília, preocupada com meu joelho machucado que ainda me faz mancar, me ofereceu uma cadeira para sentar e outra de apoio para a perna. Perguntei:

-Porque não se senta também?

-Sou agitada, prefiro ficar de pé... Você já deve estar cansada da minha falazada.

E riu.

Após muita conversas e alguns casos repetidos de outros encontros, falei sobre o documentário e perguntei de forma direta:

-Posso te gravar para meu filme?

-Se você não se importar com a minha “bobeirada” [risos]. Pode sim, quero ajudar.

Completo.

Em Marília sinto mais confiança, hoje vou filmá-la no Renascer. Marília é positiva, voltamos juntas para casa, eu, ela e seu marido, José Carlos. A cada queixa que ele faz ela aponta algo bom em contraposição. “Não gosto de Ouro Preto”, ele diz. “Eu adoro, é nossa cidade”, ela responde. “Hoje está muito frio”, José diz franzindo a testa. “Melhor que o calor antes, bom para dormir de coberta”, Marília retruca. E por aí vai, até que ela se cansa e afirma: “Ele tá velho, não gosta mais de nada”. Quanta reflexão cabe nessa frase, ainda mais sendo dita por uma senhora que gosta de muitas coisas em seus 80 anos.

Marília me acolhe permitindo uma aproximação. Conversamos bastante em todos os nossos encontros. Em uma de nossas conversas chegamos ao tema frango com quiabo, falamos também sobre vinho. Marília me convidou para almoçar em sua casa, aceitei e ficamos de marcar a data. Nos despedimos e em pouco tempo fui tomada por uma angústia. Me sinto tomada por interesse em uma aproximação com total propósito e, ainda, pouco afeto. Gosto de Marília e mais ainda das possibilidades que nossa convivência representam para mim, para meu documentário. Me sinto mal por isso.

- **Aceitando o real. Primeira gravação com Marília - 20 de agosto de 2019**

Marília me recebeu em sua casa. Não foi almoço, foi café. Me sinto menos culpada e mais próxima. O propósito continua e é claro: gravar meu documentário. É ele que guia nossos encontros com roteiros mentais que funcionam pouco na prática. Tem sido esse meu trabalho psicológico de maior dificuldade e tema das sessões semanais de terapia. Quando se trata do real, roteiros são úteis mas não são garantia. Não é que eu não goste das cenas gravadas, é que preciso aceitar a ideia de que, por mais que seja minha obrigação guiá-las da melhor forma possível, são cenas reais, pessoas reais e não estão no meu controle. Venho me esforçando para parar de imaginar respostas e aceitar as possibilidades. É difícil e gratificante ao mesmo tempo. Na realidade, esse filme não é meu, é delas.

Sobre a parte técnica do processo, é possível perceber erros de quem é uma “marinheira de primeira viagem” no audiovisual e está gravando um documentário sozinha. A gravação começou às 16h15, logo, a luz do dia mudou. Por estar atenta à conversa com Marília, percebi já em horário avançado e não consegui controlar bem o problema. Apesar disso, gostei do resultado final.

- **Chegada a hora de gravar Alda - 19 de setembro de 2019**

Confesso que tive minhas dúvidas sobre esse dia. Gravar Alda era algo incerto já que ela, sem dúvidas, foi a personagem que demorou mais a aceitar minha aproximação, mesmo me recebendo sempre bem no clube Renascer. Inicialmente gravei uma entrevista no clube. Na ocasião perguntei sobre sua relação com o espaço que foi onde a encontrei. Alda lida bem com a câmera, por ser conhecida na cidade devido ao contato com o hospital e apoio à projetos sociais. Essa não é sua primeira entrevista, confessou ter dado uma no mesmo dia à uma rádio local. Ela, que sempre desviava o foco de se e abordava temas relacionados ao clube, aos poucos permitia ser filmada de maneira mais direta e para minha surpresa aceitou de imediato quando introduzi a proposta de gravá-la em sua casa. Assim, peguei os equipamentos um dia antes como de costume e conferi tudo mais de uma vez. Sentia como se essa fosse a única oportunidade de gravar Alda em sua casa. Ela me recebeu de maneira mais aberta do que eu esperava.

Quem me recebeu na porta foi sua filha, Alda estava logo no fim da escada me aguardando. Trajes confortáveis para ficar em casa, chinelo nos pés e uma tranquilidade típica. Me ofereceu água, e pediu ajuda para procurar o cartão bancário que Tomás, seu marido, havia perdido. Acomodei os equipamentos no canto da sala e começamos a procura: em cima da mesa, das bancadas, no bolso das calças. Até que Tomás chegou, voltava do banco, havia deixado o cartão no próprio caixa eletrônico. Fim da busca. Observei por alguns segundos o carinho entre os dois, Alda deu-lhe um beijinho na bochecha, deram as mãos e trocaram um olhar acolhedor. Ele foi para a cozinha e Alda voltou sua atenção para mim. O único espaço da casa que não estava ocupado era a sala de jantar, foi lá que realizamos a gravação. Apesar de ser a única das três personagens que tem certa afinidade com a câmera, Alda é a que menos fala de forma contínua. Responde com objetividade uma pergunta e é necessário fazer outro questionamento para que a gravação flua. Uma característica condizente com sua personalidade, como já pontuei, ela se faz presente sem precisar de muitas palavras.

Finalizamos com aproximadamente 40 minutos de filmagem, entre entrevista e cenas de cobertura. Alda me ofereceu um café da tarde, sucos e salgadinhos. Me sinto um pouco desconfortável nessas situações mas tento agir de forma natural. Após o café, Alda me levou até a porta, conversamos um pouco e segui para pegar o ônibus, ombro doendo de carregar os equipamentos sozinha. Após assistir às gravações, um das duas sequências de entrevista estavam com a imagem um pouco torta, terei que ajustar na edição. A luz me agradou. Mais um dia cumprido.

- **A hora da despedida - 26 de setembro de 2019**

Já me sinto à vontade aqui. Enquanto aguardo dona Marília e dona Alda acabarem a aula de exercícios mentais para realizar nossa última gravação. Fiz algumas filmagens e me sentei para estudar. Não consegui. Olhei ao redor e percebi como este ambiente frequente há alguns meses e essas pessoas, já tem um significado para mim. Já participei de atividades, conversas, momentos cotidianos na vida dessas pessoas, no clube e fora dele. Creio que o fato da maioria ser formada por mulheres, aumenta ainda mais minha liberdade em estar aqui e identificação com o lugar e o que ele representa. A vantagem nessa aproximação é que me sinto bem com essas pessoas, com minhas personagens, isso me deixa à vontade para gravar. Além disso, estar inserida (como observadora) na realidade que será abordada em meu documentário me permite mais sensibilidade para falar sobre ela. Outra questão, que apresenta vantagens e desvantagens é o laço criado com as personagens. Mesmo não sendo tão íntimo proporcionou certa liberdade e afeto, o que começa a gerar pequenas cobranças que me preocupam, afinal, em breve, o restante da construção do produto me afastará do renascer e dessas mulheres.

Quando passo uma semana sem ligar ou ir até elas, quando retorno, perguntam porque não estive aqui antes. Fui convidada a participar de eventos, mesmo sem me enquadrar ainda na “melhor idade” do clube. Isso me trouxe o questionamento: será que para elas está claro que não continuarei a frequentar o clube ao fim da produção do documentário? Bem, desde o início deixei claro o motivo de estar aqui. Ainda assim, a convivência constante, a ida até suas casas, por mais que muitas vezes com a câmera na mão, pode ter confundido o pensamento das integrantes do clube, principalmente Alda e Marília. Confesso, sentirei falta delas, mas, vou guardar todas as oportunidades que tive de evoluir que estou tendo com nossas vivências. Espero que elas entendam minha passagem por aqui.